



## RESENHAS

### **CORRÊA, Mariza**

As ilusões da liberdade. A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil.

São Paulo, Edusp, 1998.

#### *Octavio di Leo*

A esperada publicação desta tese de doutorado (USP, 1982) de Mariza Corrêa chega num momento em que na bibliografia sobre Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) já não fazem falta apologias ou críticas. A exaustiva análise da obra deste polígrafo brasileiro, que precede à do cubano Fernando Ortiz e com a qual tem mais de um ponto em comum, põe fim a décadas de silêncio e mal-entendidos.

O nome Nina Rodrigues, que para muitos conserva ainda a ambigüidade do gênero, tem sido invocado por médicos e antropólogos desde que morreu de câncer em Paris – onde havia ido, em sua primeira e última viagem fora do Brasil, para buscar instrumentos modernos para a morgue da Faculdade de Medicina da Bahia. A ambigüidade na virada do século XIX para o XX obedecia também à constituição dos campos intelectuais: a fronteira entre ciência natural e ciência social estava se definindo, e uma das batalhas mais aguerridas que liderou Nina Rodrigues foi pela autonomia da medicina legal. Corrêa mostra como a evolução institucional desta disciplina e de seu agente, o perito, deu origem à antropologia no Brasil. Se o nome de Nina Rodrigues se associa hoje em dia a seus trabalhos pioneiros sobre os africanos

no Brasil, publicados em livro póstumo em 1933, surpreende que a história da antropologia brasileira não tenha começado com o 'patrono' dos peritos médico-legais.

O título *Ilusões da liberdade*, que remete à distinção entre ciências sociais e naturais, provém de uma citação de Tobias Barreto de 1882 e não, como se poderia pensar, de um artigo do próprio Nina Rodrigues, "As ilusões da catequese", que denunciava a falácia estatística da Igreja católica em Salvador, endossada pela 'ciência oficial', para quem a imensa maioria dos baianos era católica. Ao visitar os terreiros no primeiro trabalho de campo da antropologia afro-brasileira, Nina Rodrigues descobriu a existência do sincretismo religioso.

Mas o projeto deste livro não abrange apenas a obra do médico do Maranhão em seu contexto, mas também as extrapolações de que foi objeto no curso deste século que termina, sem estabelecer rupturas e continuidades com a Escola de Medicina Legal da Bahia, chamada por seus sucessores de 'Escola Nina Rodrigues'. Quem foram seus discípulos e que partido tomaram a respeito do 'mestre'? As guerras de sucessão reproduziam os múltiplos interesses que durante o período em que Nina Rodrigues viveu podiam ser considerados ambíguos ou poligráficos. Por um lado, Afrânio Peixoto assumiu o estandarte da medicina legal no Rio, e Arthur Ramos, que provinha da psicanálise, passou a representar a ala antropológica da escola baiana. A difícil coexistência dos opostos a partir de 1906, numa época em que a antropologia lutava para definir seu corpo

de trabalho e seu método, desencadeou uma diáspora de irreconciliáveis a reboque da revolução de 1930, quando os sucessores deram prioridade a um tom evocativo sobre o analítico para se referirem ao mito de origem de uma escola que não podia ser tal coisa.

As duas profissões tradicionais anteriores dos fundadores da antropologia eram a medicina e o direito. Médicos e advogados aplicaram seus métodos de trabalho a uma ciência em formação. Além do trabalho de campo (clínico ou penitenciário), os futuros antropólogos aplicaram suas leituras de viajantes e etnógrafos europeus na África, como o coronel Ellis ou sir Edward Tylor, leituras obrigatórias nos fins do século XIX. Porém Corrêa logo adverte que a situação era mais complexa do que nos faz crer o cânon: "Ao procurar o racista em Nina Rodrigues, encontrei um intelectual genuinamente preocupado com as contradições em que o colocavam suas informações teóricas quando comparadas com suas observações empíricas". A 'questão racial', manipulada pelos diferentes regionalismos nas diferentes conjunturas da vida política brasileira, havia se convertido num véu que encobria mais do que expunha os conflitos da Velha República. Do mesmo modo que a obra polêmica de Silvio Romero havia talvez perdido sua polifonia, com exceção da análise de Antônio Cândido (em 1945), a obra inconclusa de Nina Rodrigues sucumbiu ao enfoque 'biologizante' de seus críticos a não ser por este trabalho de Mariza Corrêa, que sem deixar de reconhecer o *Zeitgeist* que marcou o pensamento 'racista' do fundador da medicina legal no Brasil, traz à tona o vasto alcance que suas teorias e seus métodos tiveram para a ciência social. Seus autodenominados sucessores, muito ocupados com uma genealogia mítica que lhes desse uma cátedra ou um emprego público, não aproveitaram o magma teórico-metodológico dos textos de

Nina Rodrigues. Uma das tarefas de Corrêa foi, portanto, escrever uma 'cartografia dos intelectuais brasileiros', sua rede de alianças e filiações em uma mapa mais retórico que epistêmico.

Por conta do cunho prolífico e disperso dos artigos de Nina Rodrigues, alguns publicados em francês ou em italiano nas revistas em moda na época, Mariza Corrêa teve que exumar um mar de documentos depositados em arquivos por todo o Brasil, sem contar perdas irreparáveis como o incêndio, em janeiro de 1905, do laboratório de Medicina Legal da Bahia, que continha entre outros o crânio de Antônio Conselheiro, e que havia chegado às mãos do doutor Nina Rodrigues em 1897 apenas para comprovar que os pressupostos da antropologia criminal do italiano Lombroso não explicavam a 'loucura epidêmica' de Canudos. Euclides da Cunha parecia conhecer os textos de Nina Rodrigues, porém os dois diferiam quanto à pergunta que se faziam sobre a identidade no Brasil: Euclides se preocupava em saber 'quem somos', enquanto a Nina Rodrigues interessava saber 'quem são eles', estes objetos da nova ciência que no entanto não eram ainda sujeitos para a Constituição de 1891.

"Se Nina Rodrigues fez no Brasil um trabalho muito parecido ao que esta sendo feito em outros lugares pelos fundadores da disciplina antropológica, cometendo os mesmos 'erros' e 'acertos', podemos resgatar a parte que nos cabe do mito de sua 'escola' e dizer que ele foi um antropólogo também no sentido contemporâneo da palavra, na medida em que reconhecia e afirmava os conflitos existentes na sociedade brasileira e os analisava de acordo com a linguagem de seu tempo." Assim conclui este livro fundamental para a recepção da comentada e não tão estudada obra de Nina Rodrigues no Brasil. Agora espera - se que esta análise sirva de exemplo para outras regiões e que